

“PAPAI NO BOLSO E MAMÃE NO CORAÇÃO?”: ANÁLISE DAS CONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS DAS PATERNIDADES CONTEMPORÂNEAS

“DAD IN THE POCKET AND MOM IN THE HEART?”: ANALYSIS OF CONFIGURATIONS OF PRACTICES OF CONTEMPORARY PARENTHOOD

RESUMO

Este texto expressa o resultado de uma pesquisa sobre as configurações de práticas das paternidades contemporâneas e as identidades paternas de pais homens em uma escola da rede privada da cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. O estudo se ancorou em duas chaves de leituras teóricas: a primeira, do campo da Sociologia da Educação, com recorte nos estudos de Gênero e dos conceitos próprios dessa referência, tais como *patrimônios individuais de disposições e trajetórias escolares*. A segunda, do entendimento do conceito de Gênero como uma categoria útil de análise educacional, histórica e sociológica, fruto das produções do campo dos Estudos de Gênero, Corpo e Sexualidade. O objetivo principal do estudo foi compreender e analisar os modelos de paternidade exercidos por pais homens nos cuidados domésticos de sua prole, bem como nas mobilizações parentais relacionadas às trajetórias escolares de suas crianças. O argumento central da pesquisa refere-se ao fato de que as estruturas tradicionais familiares apresentaram nas últimas décadas profundas alterações de ordem social. Tais alterações, decorrência histórica do movimento feminista, levaram à maior participação da mulher no mercado de trabalho e ao conseqüente surgimento de novas modalidades de arranjos familiares, que desafiam os papéis sociais parentais ao reconfigurarem práticas e tarefas tanto relativas à organização da vida doméstica como ao acompanhamento escolar. Como procedimentos metodológicos, a pesquisa faz uso de técnicas qualitativas na busca do aperfeiçoamento dos dados produzidos por meio de questionários e de entrevistas semiestruturadas. A pesquisa revelou as experiências dos pais homens de classe média que estão diante de novas organizações familiares. A construção de novas paternidades, tendo em vista relações sociais de gênero mais igualitária, e novos modelos de masculinidades são os eixos fundamentais para verdadeiras mudanças na vida familiar.

Palavras-chave: Masculinidades. Paternidades. Relações família-escola. Trajetórias escolares.

ABSTRACT

This text presents the result of a research on the configurations of contemporary parenthood practices and the paternal identities of male parents in a private school

Juliana Albuquerque Sulz

Doutoranda em Educação (FaE/UFMG). E-mail: julianaasulz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6371-4981>

Frederico Assis Cardoso

Doutor em Educação (FaE/UFMG). E-mail: fredasc.ufmg@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2704-3652>

in the city of Belo Horizonte, in Minas Gerais. The study was anchored in two keys of theoretical readings: the first, from the field of Sociology of Education, with a focus on the studies of Gender and the concepts of this reference, such as individual patrimonies of dispositions and school trajectories. The second, the understanding of the concept of Gender as a useful category of educational, historical and sociological analysis, the result of productions in the field of Gender, Body and Sexuality Studies. The main objective of the study was to understand and analyze the models of paternity exercised by male parents in the domestic care of their offspring, as well as in the parental mobilizations related to their children's school trajectories. The central argument of the research refers to the fact that traditional family structures have undergone profound changes in the social order in the last decades. Such changes, a historical consequence of the feminist movement, led to a greater participation of women in the labor market and the consequent emergence of new modalities of family arrangements, which challenge parental social roles by reconfiguring practices and tasks both regarding the organization of domestic life and school monitoring. As methodological procedures, the research makes use of qualitative techniques in the search for the improvement of the data produced through questionnaires and semi-structured interviews. The survey revealed the experiences of middle-class male parents who are facing new family organizations. The construction of new forms of parenthood, in view of more egalitarian gender social relations, and new models of masculinities are the fundamental axes for real changes in family life.

Keywords: Masculinities. Paternity. Family-school relations. School trajectories.

Introdução

Este artigo busca identificar e analisar as mobilizações paternais nas trajetórias escolares dos/as filhos/as, bem como as mobilizações paternais nos cuidados pessoais e, ou, domésticos e compreender as condições sociais de existência dos pais homens e suas experiências culturais de paternidade. Assim, este estudo pretende contribuir com as análises frente as mudanças nas relações sociais de gênero tendo em vista a ocupação da mulher na vida pública, e como a vida familiar se organiza, demandando dos homens novas configurações de práticas de masculinidades. As narrativas produzidas neste estudo têm como objetivo compreender as configurações de práticas dos pais abordados¹.

Atualmente, os *papéis sociais* masculinos vêm sendo experimentados, vivenciados, de maneiras diferentes. Não se fala mais em uma única maneira de ser masculino mas, sim, de “masculinidades”. Para Conell, “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995,

¹ Esses indivíduos são pais homens de uma escola privada de Educação Infantil da cidade de Belo Horizonte/MG, lugar em que um dos pesquisadores lecionava. O desenho do perfil sociológico desses indivíduos indica atributos relativamente comuns entre eles, compondo o agrupamento de uma categoria de homens de classe média, brancos e heterossexuais. Para maiores informações sobre todos os elementos que compuseram originalmente todo o escopo teórico-metodológico da pesquisa, Cf. o trabalho completo: SULZ, 2021.

p. 188). No estudo, fizemos o seguinte questionamento: de que maneira essas práticas eram construídas e reconstruídas, por quem eram definidas e reforçadas, com quais objetivos? Segundo Cardoso,

[...] vivemos épocas difíceis de demanda por uma nova identidade masculina, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, práticas de significados sobre um determinado tipo de homem continua a circular em nossa sociedade constituindo e formando os sujeitos. Análises e debates da condição masculina gradativamente têm ganhado espaço e reconhecimento, tanto na literatura acadêmica como nas informalidades do cotidiano das pessoas. A *crise da masculinidade*, experiência que nós, homens, vivenciamos desde as transformações dos anos sessenta, parece residir no conflito de os homens diferenciarem-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido, ou a ele se acomodarem. (CARDOSO, 2013, p. 135)

Embora estejamos vivendo um momento de maior participação da mulher no mercado de trabalho e uma crescente necessidade de reconfigurar os exercícios internos das famílias, bem como uma redistribuição das tarefas domésticas e de cuidados com os/as filhos/as, ainda é possível perceber a pouca participação e mobilização dos pais homens no acompanhamento da vida escolar de suas crianças. De forma muito marcante essas relações aparecem com a presença, em escala muito maior, da figura materna.

Nas últimas décadas, as configurações de um modelo tradicional de famílias conheceram gradativas mudanças. Parte dessas mudanças, fundamentalmente, teve origem com o efeito do movimento feminista cujas conquistas provocaram uma necessidade em (re-)organizar os exercícios das funções internas das famílias e de sugerir novas demandas aos seus membros. Toda essa transformação deu início a uma alternância de funções em que os homens precisaram se adaptar a diferentes realidades e necessidades de seus/suas filhos/as. Em recente estudo, Rodas *et al.* destacaram que:

A globalização e as dinâmicas sociais, econômicas e políticas transformaram a família, obrigando-a a adaptar-se a essas mudanças, entre as quais o aumento da participação das mulheres na atividade laboral, a maior permissividade sexual, atitudes positivas em relação ao divórcio, a universalização da educação e a transição política, que tem um impacto considerável no exercício das funções familiares. (RODAS *et al.*, 2016, p. 127, tradução nossa)²

² NT: Tradução original do excerto: “La globalización y las cambiantes dinámicas sociales, económicas y políticas han hecho que la familia se transforme, obligando a adaptarse a estos cambios, entre los cuales se destacan el aumento de la participación de la mujer en la actividad laboral, la mayor permisividad sexual, las actitudes positivas hacia el divorcio, la universalización de la educación y la transición política, lo cual repercute considerablemente en el ejercicio de las funciones de la familia.” (RODAS *et al.*, 2016, p. 127)

Ao direcionar o olhar para as relações sociais de gênero demarcadas no cotidiano escolar, nos chamam a atenção as estratégias sutis que permeiam esse território e suas relações pessoais, associadas à produção social da masculinidade hegemônica. De maneira intencional, e com a finalidade de reproduzir uma identidade masculina heteronormativa e hegemônica, as escolas e as famílias se mobilizam na construção dessa masculinidade. Nolasco aponta que

Quando está sendo socializado, um menino aprende que não deve incluir como parte de seu crescimento o desenvolvimento de recursos para construção de vínculos afetivos duradouros, capazes de suportar a transparência necessária a uma relação de intimidade. Dentro dessa perspectiva, as relações interpessoais masculinas (...) são marcadas por atitudes em que o que está em questão são demonstrações de atitudes de ‘macho’, os ditos *homens de verdade*. (NOLASCO, 1997, p. 18)

As relações entre pais homens e seus/suas filhos/as são marcadas por um certo padrão de intimidade reconhecido pela pouca experiência de diálogo e aproximação física. Em nossa cultura, tudo o que está relacionado à “intimidade” está voltado ao universo da mulher. As relações pessoais pautadas em afeto não cabem no processo de socialização dos homens. Todavia, na contemporaneidade, é esperado que os homens disponham de recursos para compreender suas demandas emocionais que estão relacionadas à família. As novas masculinidades requerem uma mudança nas configurações de práticas no âmbito das emoções, no entanto, para os homens, há uma preocupação de que sua virilidade possa ser questionada caso se demonstre mais sensível em suas relações.

A Sociologia da Educação e os estudos sobre paternidades

Entendemos o conceito de gênero com uma categoria de análise social (SCOTT, 1995). As duas chaves de leitura teórico-interpretativas que sustentam esta pesquisa partem do conceito de gênero – fruto dos investimentos no campo dos Estudos de Gênero, Corpo e Sexualidade – e do entendimento do gênero como uma construção cultural, histórica e social - fruto dos investimentos do campo da Sociologia da Educação. Segundo Scott,

(...) O termo gênero também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (...) torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma

categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p. 75).

Ao trazer à baila o significado do termo gênero por meio das relações sociais, Joan Scott desmistifica algumas ideias do senso comum sobre o conceito e o traz em um debate mais inclinado para as questões sociais e políticas, se afastando da centralidade biológica que o termo carrega. A definição dada pela historiadora norte-americana para o conceito de gênero possibilita um entendimento mais amplo dessa categoria, considerando as relações sociais, os símbolos culturalmente disponíveis, os conceitos normativos, as instituições, a organização social e a identidade subjetiva como elementos interrelacionados que compõem a definição de gênero (SCOTT, 1995).

Entender o termo *gênero* como uma categoria social possibilitou perceber as desigualdades nas relações originadas pelas diferentes atribuições voltadas para os corpos masculinos e femininos. Esse referencial teórico aportou os objetivos e as reflexões sobre paternidade, em um quadro comparativo em relação à maternidade. As imposições sociais sobre os corpos definem as configurações de práticas dos indivíduos, bem como legitimam comportamentos baseando-se na ideia da diferença, do oposto, do binarismo dos gêneros. Segundo Bourdieu,

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais. (BOURDIEU, 2017, p. 18).

Em sua obra *A dominação masculina*, Bourdieu (2017) realiza importantes provocações em torno da construção social das diferenças entre os gêneros. Segundo ele, as diferenças entre o corpo masculino e o corpo feminino passaram a serem vistas como *justificativa natural* para as diferenças sociais. Compreensão similar tem Scott (1995) sobre o conceito de gênero. Considerando o exposto, o presente trabalho assumiu, portanto, um caminho teórico ancorado no entendimento de Gênero a partir das construções históricas, sociais e culturais como determinantes para naturalizar as diferenças existentes entre homens e mulheres no mercado de trabalho, nos espaços políticos, nas atribuições domésticas e familiares. A partir dessas diferenças, buscamos compreender os movimentos de paternidade, desde as configurações de práticas até os modelos de paternidade que os pais homens assumem na criação de sua prole.

Partindo do mesmo princípio de Scott (1995) e Bourdieu (2017), o de que as construções sociais são inseridas de maneiras diferentes nos corpos femininos e masculinos, produzindo lugares opostos na estrutura das relações de gênero, utilizamos

o segundo fundamento teórico que está localizado nas contribuições dos estudos de Gênero, Corpo e Sexualidade para discutir os processos de construção cultural e social das identidades masculinas. Esses fundamentos demonstram a ideia de que o conceito de gênero deve nos aproximar de abordagens mais amplas do que somente diferenciações fisiológicas, emocionais e comportamentais entre homens e mulheres (SCOTT, 1995; LOURO, 1997). Para compreender a maneira como lançamos mão do entendimento de Gênero, fruto das investigações desse campo, é necessário considerar

[...] a cultura como sendo um campo de luta e contestação em que se produzem sentidos múltiplos e nem sempre convergentes de masculinidade e feminilidade [...] o conceito de gênero enfatiza essa pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos. (MEYER, 2003, p. 17).

Nas configurações familiares contemporâneas, é possível identificar diferentes relações sociais de gênero que distingue os papéis maternos dos papéis paternos. Os processos culturais produzem pluralidades em torno dos corpos e das identidades de gênero. Consideramos nesse trabalho, a cultura como espaço de disputa, mas, sobretudo as relações sociais onde homens e mulheres experimentam novas práticas em suas funções destinadas aos cuidados da família e reproduzem suas identidades carregadas de multiplicidades divergentes.

Na dinâmica da organização familiar, no cotidiano doméstico, as formas de experimentação generificante para aquilo que se espera de pais e de mães podem provocar embates e tensões. Talvez seja possível afirmar que na contemporaneidade, ao estimular novas formas de masculinidades, também são produzidas as condições necessárias para ajustes e conflitos no dia-a-dia de muitas famílias, bem como em suas maneiras de organizar a vida material e subjetiva e a expressão da parentalidade como responsabilidade de pais e de mães na criação da prole. As novas formas de masculinidades exigem do homem diferentes demandas no exercício da paternidade. Nos novos arranjos familiares, tem havido a necessidade de ampliar as responsabilidades masculinas para uma participação mais efetiva no cotidiano da vida familiar, sobretudo no cuidado para com as crianças.

Esse fenômeno aparece como uma “nova paternidade”, proveniente dos novos papéis sociais impostos ao homem moderno e resultantes das mudanças sociais nas estruturas familiares. Inicia-se, então, uma nova exigência aos homens pais: de exercer a paternidade para além do sustento financeiro da casa. As transformações da sociedade exigem que o homem reconfigure sua trajetória familiar. Para Medrado,

Essa concepção da participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado para com a criança, vem sendo comumente veiculada, principalmente pela mídia, como a “nova paternidade”, como ressalta Zeide Trindade (1991), o pai

sempre foi considerado o provedor-protetor ou o líder instrumental da família, enquanto a mãe era quem cuidava efetivamente dos filhos, assumindo o papel de líder expressivo-afetiva. (MEDRADO, 1998, p. 154, *apud* TRINDADE, 1991).

A emergência dessa “nova paternidade” aparece, ainda que timidamente, em pequenos movimentos de pais homens que pretendem dividir as atividades relacionadas à educação e aos cuidados dos/as filhos/as. Em algumas redes sociais, por exemplo, é possível encontrar articulações e perfis criados por homens que desejam compartilhar - e/ou - trocar experiências sobre uma enunciada *paternidade ativa*. Esse termo é designado aos pais homens que desejam assumir um novo modelo de paternidade, com maior envolvimento desde a gestação, o parto, a amamentação, os cuidados domésticos e as mobilizações voltadas à trajetória escolar de suas crianças. O uso de uma abordagem qualitativa para esta pesquisa tem como objetivo compreender as experiências de paternidade, mas também identificar os modelos em que elas se baseiam.

Há uma lacuna dos investimentos de pesquisa no campo da educação que se dedique a compreender os mecanismos sociais das relações família-escola com recorte na paternidade. As produções do campo da Sociologia da Educação vêm apresentando uma dinâmica que tencionam entre os estudos clássicos e os novos investimentos que aparecem nas produções acadêmicas influenciados pelas transformações sociais e pelos movimentos das pautas de políticas identitárias.

Por um lado, os conceitos produzidos por esse campo, e tidos como consagrados na academia, fazem uso de termos específicos que visam à investigação dos capitais cultural e econômico, das relações família-escola, da escolha do estabelecimento de ensino, dos rendimentos escolares, das trajetórias escolares e da profissão docente. Por outro lado, os novos direcionamentos do campo voltam seus investimentos para os estudos interseccionais, em que as questões étnico-raciais, as relações de gênero, corpo e sexualidade, a faixa etária e os tipos de parentalidade abrem caminhos para novas perspectivas sobre o estudo e o entendimento da paternidade. Gradativamente, o campo Sociologia da Educação tem voltado seu interesse para a paternidade como objeto de investigação, devido às mudanças sociais, políticas e históricas que transformaram as relações familiares.

No Brasil, poucos estudos foram produzidos sobre a paternidade se considerada a quantidade de trabalhos sobre a maternidade, a maternagem ou a história das mulheres. Ao realizar uma pesquisa do Estado da Arte, constatamos que a maioria das produções se localiza na área da psicologia, com incidências em análises da ausência paterna e suas implicações no comportamento emocional e cognitivo das crianças. Há um grande número de estudos da área da saúde, que revelam a preocupação deste campo na investigação da paternidade adolescente, no comportamento emocional dos homens na primeira paternidade. A terceira maior incidência está na área dos estudos jurídico-legais que volta sua atenção para a análise do reconhecimento legal

da paternidade. Segundo a socióloga Thurler (2009), no Brasil 30% das crianças não têm filiação paterna em seus registros. Ainda de acordo com ela:

A deserção da paternidade - materializada em registros civis de nascimento sem filiação paterna estabelecida - é uma prática não-democrática e sexista que, no século XXI, nos dá notícias do patriarca de idos tempos, que controlava sua descendência acolhendo ou repudiando os filhos, arbitrariamente. (THURLER, 2009, s.p.).

A recente e tímida expansão dos estudos voltados para a relação pais-filhos tem sido resultado das profundas mudanças do lugar que o homem passa a ocupar na vida familiar e suas configurações de práticas. A paternidade passa a surgir como objeto de pesquisa, paulatinamente, no campo da Sociologia da Educação ao redor do mundo com objetivo de investigar as diferentes formas de ser pai. Citando como exemplo, há estudos sobre as relações sociais de paternidade produzidos por Hobson (2002), Hayhood e Mac na Ghaill, (2003), Björnberg e Kollind (1996), Brandth e Kvande (1998) Lupton e Barclay (1997), Doucet (2006) entre outros (*apud* WALL; ABOIM; CUNHA, 2010).

Estes estudos produzidos em diversos países buscam compreender e analisar como as transformações macrossociais influenciaram nas configurações de práticas e nos papéis sociais estabelecidos para a masculinidade hegemônica. As produções científicas recentes na Sociologia da Educação vislumbram maior entendimento na maneira como as mudanças na organização da vida familiar redefinem as relações de gênero. Esse percurso teórico pretende romper com as ideias pré-estabelecidas sobre as atribuições do homem na vida familiar à medida que reconhecem a necessidade de uma análise mais profunda que considera as vivências, opiniões e sentimentos dos homens. Ainda há uma relativa escassez de pesquisas realizadas no campo da Sociologia da Educação com objetivo de investigar as novas trajetórias masculinas na família, os conflitos dos homens na vivência da paternidade e as formas plurais de ser pai considerando as novas masculinidades.

As discussões teóricas sobre o lugar do homem na família estão, quase sempre, ancoradas na paternidade. Uma das razões dessa relação é a crescente preocupação com o pai ausente seja no contexto de divórcios e separações, ou no contexto de abandono parental. No Brasil, de acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), entre 2016 e 2017, o número de uniões registradas diminuiu 2,3% e o número de divórcios aumentou 8,3%³ (LOSCHI, 2019). Diante de tal cenário o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) recomendou uma série de ações em resolução publicada em 2014 que resultaram na instituição da Política Nacional de Conciliação com objetivo de oferecer oficinas de parentalidade como política pública (AVANSINI, 2015).

3 Pesquisa consultada no site Agência IBGE Notícias, publicada em 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22866-casamentos-que-terminam-em-divorcio-duram-em-media-14-anos-no-pais>>. Último acesso em: 02 Maio 2021.

Outro número ainda mais revelador da centralidade da paternidade, como recorte teórico nos debates de masculinidade, é relativo às crianças brasileiras que não foram registradas pelo pai. Ainda de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011, há 5,5 milhões de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento (BASSETTE, 2013). Esses dados mostram que as transformações das práticas masculinas no final do século XX (CONNELL, 1995) estão ligadas à ideia de que as novas masculinidades estão associadas, em grande medida, a novas formas de paternidade.

A construção da paternidade é um processo social, político e cultural que emerge de transformações iniciadas pelo movimento feminista. A relação dos pais homens com seus/suas filhos/as sofreu alterações acompanhadas por outras, referentes à posição da mãe no interior da família e na vida pública. Repousa sobre os papéis paternos e maternos fundamentos biológicos que contribuem para uma construção cultural da paternidade e da maternidade por meio de normas e modelos que passam a orientar o conjunto das relações familiares (ROMANELLI, 2004).

Historicamente, as relações familiares foram estabelecidas pelas relações sociais de gênero desiguais em que homens e mulheres assimilam orientações diferenciadas para viver suas identidades, pois as meninas são direcionadas para os cuidados com os outros e para tecer relacionamentos, o que realimenta indevidamente, o mito do amor materno. Em contrapartida, os homens têm maior dificuldade para construir relações pautadas no afeto. Segundo Romanelli, isso acontece porque

Filhos do sexo masculino, vivenciados pelas mães como seu contrário, separam-se delas, o que acarreta para eles o início do processo de individualização e separação. Consequentemente, os homens têm dificuldade para viver relacionamentos fundados na intimidade, mas encontram maior facilidade para incorporar a individualização e a separação, atributos indispensáveis para enfrentarem diferentes formas de competição presentes no cotidiano. (ROMANELLI, 2004, p. 4)

Este processo social de construção das identidades de gênero atribui características, comportamentos, funções e posturas demasiadas distintas para homens e para mulheres, dessa maneira, este processo influencia na construção da paternidade e da maternidade, também, por sua vez, de maneiras opostas. As relações sociais de gênero determinam as configurações de práticas parentais que tendem a convergir na atuação da mãe na posição central da família e ao pai é delegado funções de pouco envolvimento e intimidade nas relações familiares.

Reconfigurar práticas tradicionais paternas, significa, no entanto, desafiar as relações de gênero construídas e buscar alternativas para a masculinidade hegemônica que afasta os homens de vivências mais próximas nas relações familiares. As abordagens de cuidado, por exemplo, são novas maneiras de exercer a paternidade e construir uma masculinidade afetiva. Um possível caminho para construir novas vivências dos

homens na vida familiar, é pensar na transferência de um capital cultural emocional de pai para filho/a (HOCHSCHILD, 1994).

“Papai no bolso e mamãe no coração?” - O que dizem os pais homens?

O escopo teórico-metodológico de corrente qualitativa deste trabalho se debruçou na importância dos contextos sociais em que os sujeitos abordados estão inseridos para que fosse possível alcançar nas análises uma contextualização de suas histórias individuais. Este estudo abordou pais homens de uma escola privada de Educação Infantil na cidade de Belo Horizonte/MG⁴. Inicialmente foram abordados, por meio de questionários semiestruturados, 56 pais. Ocasão em que apenas 26 retornaram suas respostas. Dentro desse universo, selecionamos quatro pais para as entrevistas, considerando a proximidade deles na relação família-escola com um dos pesquisadores. O uso de questionários e entrevistas permitiu traçar o *perfil de configuração* dos pais homens a serem analisados.

Esses pais se declararam heterossexuais, casados e com ensino superior completo. Nessa amostra, dois pais possuem dois/duas filhos/as cada, e os outros dois apenas um/a filho/a cada. Três desses pais se reconhecem como brancos (Paulo, Marcelo e Elias) e um como pardo (Anderson). Eles pertencem às frações médias das classes médias, com as seguintes ocupações profissionais: professor universitário (Paulo), engenheiro (Elias), consultor financeiro (Marcelo) e psicólogo (Anderson). Para preservar a identidade dos indivíduos participantes, todos os nomes são fictícios. As entrevistas propiciaram compreender como os pais homens se mobilizam na vivência da paternidade, de que maneira atuam nas trajetórias escolares dos/as filhos/as, dos cuidados domésticos e de como se relacionam com as suas experiências sociais de paternidade.

Apontaremos parte dos resultados obtidos na pesquisa que diz respeito à divisão de papéis sociais dentro da família, desdobrando o olhar para as experiências dos homens na conciliação da vida pública e privada. A relação entre trabalho e família será abordada para fins analíticos dos modelos de organização dos papéis sociais de gênero. Para tanto, utilizamos a ideia de três modelos principais dessa organização, segundo a socióloga alemã Pfau-Effinger:

⁴ Inicialmente a escola autorizou, formalmente, a realização da pesquisa com os pais homens que mantêm seus filhos matriculados na instituição, sendo encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais como parte das exigências atribuídas ao mesmo como consta na Resolução de n.466/12. O trabalho foi cadastrado na Plataforma Brasil e autorizado pelo COEP, o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) da pesquisa é 15542719.6.0000.5149. Somente após as devidas deliberações do Comitê de Ética da UFMG, os pais homens foram convidados a participarem da pesquisa. Todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pesquisadores para que pudessem conhecer os procedimentos da pesquisa e seus direitos.

O modelo de segregação tradicional do marido *ganha-pão/mulher doméstica*; o modelo de intermédio de emprego e meio (*marido principal ganha-pão/mulher a tempo parcial*), em que o papel profissional da mulher é secundário em relação ao do marido e a mulher continua a assegurar a maior parte das tarefas e dos cuidados às crianças; e o modelo de *duplo emprego/duplo cuidar*, mais igualitário, seja no plano da atividade profissional, seja no plano do trabalho não pago. (PFAU-EFFINGER, 1999 *apud* WALL, 2010, p. 98).

A oposição tradicional entre a “dona de casa” e o “provedor da família” que alimenta uma relação social de gênero pautada na dominação masculina começa a ser atravessada pelas mudanças sociais. O lugar social dos homens na vida familiar passa então por transformações, inicialmente cautelosas, na transição, denominada por Pfau-Effinger (1999 *apud* WALL, 2010) de um modelo “ganha-pão” para “casal de duplo emprego”. Identificar essa transição é fundamental para compreender o lugar social do homem, os papéis masculinos bem como a estrutura de gênero na vida familiar. Diante deste cenário, é possível entender a necessidade de reconfiguração das práticas paternas que desafiam a composição tradicional de masculinidade, o declínio deste modelo tradicional onde o homem é provedor da família é a consequência do aumento da presença feminina no mercado de trabalho.

As frações das classes médias vivem o fenômeno de transição entre o modelo tradicional do homem provedor para o modelo contemporâneo do casal que trabalha e contribui para o sustento da casa. Dos quatro entrevistados, apenas um não fazia parte deste novo modelo familiar, tendo em vista que sua esposa não apresenta ocupação. No decorrer das entrevistas, percebemos que os pais homens estão mais voltados para os cuidados domésticos e da prole motivados inicialmente pela grande demanda dos cuidados dos/as filhos/as onde o casal precisa conciliar a vida profissional e doméstica. Posteriormente e talvez de maneira menos consciente e política, contribuem para igualdade nas relações de gênero nas distribuições de tarefas, embora nenhum dos homens abordados tenha explicitado este aspecto em seus relatos. Os pais relatam a participação na partilha das funções domésticas e parentais mostrando, muitas vezes, como a divisão de papéis dentro e fora de casa é realizada entre negociações e tensões do ponto de vista das representações e das práticas sociais.

Desse modo, na amostra abordada nesta pesquisa, encontramos os três modelos: Paulo representa o *pai ganha-pão*, somente ele é o responsável financeiro da família. Marcelo e Elias estão inseridos no modelo de *família de duplo emprego*, onde o casal apresenta ocupações, embora suas esposas não apresentam ocupações secundárias, ainda fazem parte deste modelo pois as mulheres acabam coordenando a organização da vida doméstica e do acompanhamento da prole mesmo que estes pais demonstrem uma transição em direção a uma paternidade mais cuidadora e ativa. Por fim, a organização da família de Anderson se aproxima do perfil de casal *duplo emprego e duplo cuidar*, já que, de acordo com seu repertório discursivo, ele e sua esposa

dividem igualmente as funções domésticas e familiares voltadas ao filho, mesmo com atribuições profissionais fora de casa.

Para Paulo, a conciliação entre a vida profissional e familiar se deu a partir da negociação com sua esposa em um modelo de organização tradicional, onde as configurações de práticas do homem e da mulher respeitam a segregação “marido ganha-pão” e “esposa doméstica”. Embora sua esposa tenha formação a nível superior, houve uma preferência estabelecida pelo casal e marcada pelos recursos financeiros para firmar a organização das atribuições parentais e domésticas:

Todos os dias quando chego do trabalho a gente senta pra fazer o para casa, pra ler o livrinho me dedico em média 1 h/1:30h por dia nessas questões. Durante a semana eu não consigo dar banho nela mas final de semana a Luísa é minha, a responsabilidade é minha. Então, banho, almoço, passear, a gente vai ao supermercado juntos, então férias e final de semana ela é minha. Só terça-feira que eu tiro, que eu não trabalho, aí eu levo *pra* natação, eu dou banho, nado com ela de manhã lá [no clube] ainda. Então acompanho no pediatra, faço questão de acompanhar todas as consultas, essa semana que eu não consegui acompanhar na *fono* que foi um horário muito *cabuloso*⁵, 11 h da manhã na sexta-feira, mas sempre aos pediatras eu tô acompanhando, tudo. (Paulo)

Embora Paulo se envolva com os cuidados da família à medida que concilia com sua vida profissional, sua esposa é que assume por mais tempo e em maior quantidade as atribuições da vida privada: os cuidados com a filha de higiene, alimentação, locomoção e acompanhamento escolar durante a semana. Esse modelo familiar reforça as resistentes barreiras que as relações sociais de gênero desiguais instauram na organização da vida privada das famílias de classes médias:

Em média, a mulher faz sozinha mais da metade das tarefas [...] marcando bem o seu território dentro do espaço doméstico. Por outro lado, contudo, é inegável que os homens têm vindo também a entrar na esfera doméstica à medida que certas tarefas domésticas e parentais se conjugalizam, ou seja, são partilhadas pelos dois membros do casal. É, afinal, através da partilha conjugal que muitos homens encontram o seu lugar no quotidiano doméstico: nas compras, na cozinha, nos cuidados aos filhos [...] (ABOIM, 2010, p. 56).

Dessa maneira, embora a família de Paulo apresente uma organização divergente das outras três pesquisadas, suas experiências parentais relatadas mostram sua transição e ao mesmo tempo interseção entre uma paternidade provedora e cuidadora.

⁵ Essa expressão é utilizada, de maneira informal, quando se quer expressar dificuldade, complexidade. Neste contexto, se remete a algo de difícil execução e seu uso é popularizado na linguagem cotidiana.

A conciliação do tempo da vida profissional e privada, mesmo que acordada entre o casal como forma de organizar a divisão de papéis dentro e fora de casa, mostra a desigualdade entre homens e mulheres no espaço doméstico.

Nas demais famílias, onde o arranjo se dá pelo casal de duplo emprego, ou seja, quando mãe e pai precisam utilizar estratégias de conciliação entre vida profissional e privada, os pais homens se ajustam com maior igualdade em relação ao tempo que se dedicam às tarefas cotidianas. Por meio das entrevistas, não procuramos apenas identificar as diferentes atribuições de pais e mães dentro da família, como sugere a sociologia da divisão familiar do trabalho (WALL, 2010), mas sim de que maneira a família organiza socialmente os cuidados com as crianças pequenas.

As narrativas dos pais homens cujo modelo familiar corresponde ao casal que trabalha fora de casa revelaram, muitas vezes, as estratégias utilizadas de organização, negociação e conciliação para manter equilibrada a vida profissional e familiar. Considerando o lugar social destes pais, foi possível perceber que dois deles, Marcelo e Elias, utilizam como recurso de conciliação entre trabalho e família a ajuda de familiares próximos, de serviços pagos, como babás e empregadas. Perante a dupla pressão de responder à necessidade de prestar cuidados às crianças e às exigências do trabalho profissional, os homens e as mulheres procuram de diversas formas combinar os cuidados prestados por pessoas e serviços diferentes (WALL, 2010, p. 99).

O entrevistado Elias, que apresenta ocupação de engenheiro e cuja esposa é advogada, relatou seu envolvimento com os cuidados das filhas e a organização da sua rotina.

Eu me dedico, minha mulher se dedica mais, eu me dedico menos do que eu gostaria, com menos frequência, umas duas ou três vezes por semana com as coisas da escola. Eu participo bem, *tá?* Eu diria que as tarefas são divididas ente eu e a minha esposa, sempre um pouquinho mais *pra* ela sabe? (Elias)

Elias mostra que as relações de gênero na vida familiar, do mesmo modo que sua complexa dinâmica, se tornam mais evidentes ao comparar sua participação na vida escolar das filhas com a participação de sua esposa. É comum encontrarmos arranjos familiares onde o casal apresenta uma vida profissional e, ainda assim, os encargos da vida familiar doméstica e dos/as filhos/as voltam-se com mais intensidade para as mulheres. Para Aboim,

A permanência de um modelo normativo de feminilidade doméstica sobreviveu ao movimento de entrada das mulheres no mercado de trabalho, continuando a marcar a sociedade e a estruturar as formas de divisão do trabalho na família. (ABOIM, 2010, p. 58).

Mesmo ocupando espaço central nas mudanças da vida social, a mulher ainda tem seus papéis da vida pública mais fragmentados e fragilizados em comparação ao

homem. Continua sendo o emprego da mãe a estar mais ameaçado quando existem filhos/as pequenos/as, pois a mulher assume muitas funções, ora no papel de mãe e dona de casa, ora como indivíduo independente e provedora. Abandonar as construções sociais que naturalizam valores maternais tradicionais que são amplamente compartilhadas por homens e mulheres pode ser um caminho para traçar novos arranjos parentais de cuidado.

A família de Marcelo, o terceiro pai entrevistado, também corresponde ao modelo de casal de duplo emprego. Marcelo é consultor financeiro e sua esposa advogada. Durante o desenvolvimento da pesquisa, ela estava afastada de sua ocupação, no entanto, se mobilizando para empreender em um negócio próprio. Dessa maneira, esta família vivia entre a conciliação da vida profissional do pai e da mãe e da vida doméstica com os cuidados dos dois filhos. O pai observa a diferença da divisão de tarefas antes e depois de sua esposa se afastar do emprego formal

Quando a gente estava trabalhando, os dois, era bem meio a meio, normalmente eu buscava e ela levava ou pedia ajuda *pros* avós né? Os avós maternos são aposentados e eles têm muita disponibilidade de ajudar, eu até gostaria que tivessem menos por que a gente acaba se apoiando muito neles. Mas *aí* a gente dividia bastante, *aí* depois que a minha esposa parou de trabalhar, ela tomou mais essa parte de levar na escola, de buscar, levar *pra* fazer uma atividade por exemplo na fonoaudióloga, ou no médico. Então antes a gente dividia muito, eu já levei várias vezes sozinho no médico igual ela também já levou. E agora acaba que como ela *tá* com disponibilidade de tempo maior *aí* ela faz mais essa parte *aí*. (Marcelo)

Durante estes relatos, foi possível perceber a maneira como as configurações de práticas e as identidades dos homens, historicamente associadas ao mundo da vida pública e do trabalho profissional (ABOIM, 2010), começam a se transformar no âmbito familiar à medida que a masculinidade hegemônica vai abrindo espaço para uma nova masculinidade que exige outras funções do homem. Assim, mesmo que em menor escala de tempo e atribuições, os homens iniciaram uma mudança na vida familiar de maior inserção nas questões cotidianas relacionadas, principalmente, às crianças. Considerando as motivações desta transformação, a priori por uma consequência social e política do movimento feminista, e posteriormente pelos impactos destas conquistas na vida da família, uma nova paternidade se faz necessária para atender às demandas dos casais que trabalham fora de casa.

No modo de articulação centrado na família de duplo emprego, o lugar do homem na organização interna familiar vem sendo alterado. Contudo, não significa que este indivíduo renunciou a sua ocupação com uma longa jornada de horas fora de casa, como a maior parte dos homens das classes médias faz para manter o nível econômico da família. Mesmo assim, é possível perceber um movimento maior por

parte dos pais homens de ajustar uma partilha conjugal das tarefas, ainda que estas tarefas apresentem linhas diferentes de envolvimento. Para Wall,

[...] nos casais dupla carreira que fazem a conciliação família-trabalho através de múltiplos recursos e uma enorme delegação, tanto das tarefas domésticas como dos cuidados às crianças, [registra-se] uma tendência para ser a mulher a ‘gerir’, no dia-a-dia, a articulação múltipla de pessoas, escolas, horários, tarefas, atividades, deslocações e apoios. Os homens reconhecem esta liderança feminina do espaço doméstico e o fato das mulheres terem de abrir mais espaço para os filhos. (WALL, 2010, p. 106).

Dessa forma, os pais homens que desejam, cada vez mais, partilhar das tarefas voltadas à prole tentam compensar a falta de tempo devido à jornada de trabalho fora de casa passando mais tempo com os/as filhos/as aos finais de semana, dedicando a tarefas de lazer e diversão. Marcelo deixou esta característica evidente em seu relato quando diferencia sua participação da sua esposa, que está mais envolvida no acompanhamento da trajetória escolar, e ele mais voltado para os momentos de recreação. O reconhecimento por parte de Marcelo em se fazer mais presente na esfera familiar, mesmo apresentando configurações de práticas menos intercambiáveis, ainda está centrado na ideia do “pai ajudante”:

Eu diria que acompanho numa nota de zero à dez, dois. De material e lição de casa, raramente, muito difícil... Diria que nessa parte do dia-a-dia em casa, de zero à dez também uma nota sete. Eu ajudo bastante, troco roupa, ajudo a escovar dente, dou banho, deito pra dormir junto quando pedem, ponho pra dormir, faço comida, dou comida, não gosto muito de dar comida não [na boca], gosto que eles comam [sozinhos]. Mas ajudo bastante e no lazer eu diria que nota nove. Eu saio bastante com eles *né*, levo bastante pra passear, ir *no* shopping, andar na rua, na praça, visitar parente. Eu me dedico mais a parte de lazer do que da escola e da casa. O pouco que eu faço nas coisas da escola, de acompanhar agenda, essas coisas...Eu faço bastante nessa outra parte de lazer. (Marcelo)

Marcelo revela que sua experiência de paternidade está mais voltada para a delegação dos cuidados com os filhos para a mãe que se afastou temporariamente da ocupação e para a terceirização destes cuidados, ora para os avós, ora para trabalhos pagos como babá. Assim, suas vivências parentais pouco intercambiáveis com a mãe mostram suas disposições individuais direcionadas ao lazer e ao lúdico com a prole, deixando sua esposa encarregada das outras tarefas domésticas, sobretudo no acompanhamento da trajetória escolar dos dois filhos.

Os homens vivenciam hoje alguns dilemas na transição de uma masculinidade hegemônica para as masculinidades cuidadoras. Algumas *barreiras paternas* e *pressões*

maternas (HODKINSON; BROOKS, 2018) são socialmente construídas em torno dessa transição. Algumas *barreiras paternas* em torno de uma paternidade mais cuidadosa, participativa e afetiva são reforçadas pelas mulheres da família (esposas, tias, sogras, cunhadas, irmãs) em relação aos aspectos organizacionais e sociais da vida privada e da vida pública dos/as filhos/as. A maneira como as instituições, sobretudo as escolas, se posicionam, muitas vezes, recoloca as relações sociais de gênero dentro da estrutura tradicional, onde historicamente a mulher preencheu o espaço das relações família-escola. Os pais, dessa forma, sentem-se distanciados pelos/as profissionais (professores/as, coordenadores/as, diretores/as) da trajetória escolar de suas crianças. Consequentemente, ocorre a institucionalização da responsabilidade materna (HODKINSON; BROOKS, 2018), já que o acesso paterno a essa instituição – ou outras – é dificultado pela relação de gênero desigual.

O relato de Marcelo, durante a entrevista, exemplificou de maneira evidente esta barreira paterna, quando diz ser sua esposa a se dedicar às atividades voltadas para a escola. Entre barreiras e pressões, os pais homens se veem diante de desafios para se inserirem de maneira intercambiável na vida familiar. Mesmo que seja possível compreender um movimento de Marcelo, característico dos pais homens de classes médias, em direção ao desenvolvimento de novos papéis de paternidade, existe ainda uma diferenciação das atribuições, guiada pelas relações de gênero, à mãe: o acompanhamento escolar, cuidar do material, checar a agenda, se atentar às datas das reuniões e eventos, ensinar as tarefas. Ao pai, as brincadeiras esportivas, recreação, hobbies, passeios, o lúdico. Dessa forma, é possível interpretar este dado, entendendo que as transformações dos papéis paternos dentro da vida privada não são lineares. O processo de desenvolver novas configurações de práticas de uma masculinidade cuidadora, por vezes, encontra ainda resistências de gênero. O sexismo está presente nas divisões das tarefas de pais e mães dentro das famílias, o que acaba por reforçar a desigualdade das relações sociais de gênero, ainda que concomitantemente seja possível, sendo cautelosamente otimistas, visualizar novos comportamentos masculinos nas experiências parentais.

O último pai entrevistado na pesquisa, Anderson, apresenta um modelo específico de organização familiar, onde há duplo emprego e duplo cuidar. Neste modo de articulação centrado no duplo emprego do casal, mas ao mesmo tempo no duplo trabalho doméstico e duplo cuidar (WALL, 2010), existe uma mudança mais profunda do lugar do homem na família. A construção social desta configuração mais igualitária apresenta-se fortemente associada aos percursos individuais e ao processo conjugal.

A família é hoje palco de grandes transformações, passando por uma vagarosa transição de papéis sociais dos pais homens. Atualmente, espera-se que os homens, enquanto cônjuges e pais, assumam também outras funções, de modo que se distanciem do modelo tradicional de provedor e figura de autoridade e se aproximem de ideais de companheirismo, afeto e igualdade. Diante das falas de Anderson, foi possível compreender que sua família apresenta outra configuração de prática que não se aproxima das tradicionais:

[Acompanho] por dia, todo dia. Contando o período que eu estou aqui [na escola] e em casa, em média 1h e 1:30h só com o acompanhamento escolar. Todo dia eu olho, eu e a minha esposa, olhamos a agenda, o caderno, essa é a rotina que eu tenho. (Anderson)

Dentre os indivíduos participantes das entrevistas, apenas Anderson e Paulo relatam seu envolvimento com a rotina escolar dos/as filhos/as para além do buscar e levar na escola. Os dois se envolvem com as tarefas, checam a agenda, os recados e auxiliam nos demais trabalhos e materiais solicitados. Anderson foi, durante todo o ano letivo, o único pai homem presente em todas as reuniões pedagógicas, como observado por um dos pesquisadores, não apenas como ouvinte, mas participou ativamente dos processos avaliativos escolares do filho.

As famílias de classes médias reúnem diferentes disposições voltadas ao acompanhamento da trajetória escolar de sua prole. Nesta amostra da pesquisa, dois pais, Marcelo e Elias, se mobilizam de maneira mais intensa para prover uma escola privada, dessa forma, o envolvimento está mais voltado à questão material. Já os pais Paulo e Anderson, além de se mobilizarem financeiramente, apresentam disposições individuais mais enérgicas voltadas ao acompanhamento prático da vida escolar. Para Nogueira,

Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho – sobretudo face ao sistema escolar. (NOGUEIRA, 2006, p. 161).

O conjunto de estratégias mobilizado pelas famílias pôde ser compreendido por meio dos relatos de acordo com o modelo de parentalidade assumido. Os pais que se aproximam de uma paternidade pouco mais “terceirizada”, ou seja, menos intercambiável com suas esposas – Marcelo e Elias – incorporam um *habitus* paterno com características específicas, mobilizando suas atuações para um campo de cuidado voltado para o provimento material, não exclusivamente, mas em maior dedicação, e ao envolvimento dos cuidados domésticos com os filhos (higiene e alimentação por exemplo), bem como nos momentos de lazer. Em outra linha de cuidado, estão os pais que buscam assumir uma paternidade mais intercambiável – Paulo e Anderson – dividindo as tarefas de maneira mais igualitária com as mães, tanto dos cuidados domésticos, como do acompanhamento escolar.

Os repertórios dos pais revelaram, em alguns momentos, o desejo de construir novas disposições buscando construir uma trajetória familiar pautada em maior envolvimento, troca de afeto e cuidado, sobretudo com as crianças menores⁶. A

⁶ Os/as filhos/as dos pais entrevistados estavam matriculados na educação infantil, portanto a faixa etária das crianças era de três a cinco anos de idade.

transição de um modelo “pai provedor” para um modelo “pai cuidador” não é linear, é um processo que exige novas configurações de práticas, mas, antes disso, exige novas masculinidades, novos *habitus* de gênero (DOUCET *apud* HODKINSON; BROOKS, 2018). Os pais precisam transitar pelas normais atuais das relações de gênero e, ao mesmo tempo, pelas mudanças de organização familiar contemporâneas para construir uma nova paternidade.

De maneira geral, os papéis parentais foram historicamente fabricados e condicionados tornando a transição dos pais homens que buscam vivenciar a paternidade intercambiável mais desafiadora. O arranjo familiar que se aproxima de um cuidado intercambiável exige novos conhecimentos sobre maternidade e paternidade em que seja ampliado as vivências de parentalidade. Em síntese, existe um repertório normativo do “homem de família”, construído ainda na infância e que é articulado com o conceito de “homem de verdade”, os quais marcam o papel do homem como o que sempre trabalha e carrega as principais responsabilidades financeiras da casa como uma obrigação determinada pelo gênero.

Conclusões

Neste estudo, buscamos aprofundar a compreensão das experiências dos pais das classes médias na esfera familiar, na vida privada, no desempenho de pai, esposo e trabalhador. Foi possível compreender que as dinâmicas sociais familiares inauguraram transformações nos papéis parentais que estão sendo ainda incorporadas no cotidiano das famílias. Ainda não é seguro afirmar de fato que há um novo modelo de paternidade na vida privada, mas sim caminhos para que seja possível construir novas paternidades, plurais, diversas, assim como as necessidades das famílias. De certo, a figura paterna de provedor está sendo transformada, não totalmente, pois os pais ainda são, junto com as mães, provedores materiais. As configurações de práticas paternas contemporâneas estão voltadas para aspectos que os homens precisam alcançar: relações afetivas e cuidadosas, assim, aos poucos, os papais vão abandonando o lugar do “bolso” e caminhando cada vez mais para o “coração”.

Os pais de classes médias estão em busca de um relacionamento emocionalmente mais íntimo com seus/suas filhos/as, mas, ao mesmo tempo, ainda não se voltaram para a questão da organização cotidiana. Assim, apesar do crescente envolvimento dos pais voltados para os cuidados das crianças, a mãe fica, ainda, amplamente encarregada de coordenar toda a vida da família.

A afirmação da participação dos homens na esfera doméstica não anula os dilemas tradicionais das relações sociais de gênero. Foi possível percebermos certa ambiguidade nas configurações de práticas dos homens. Alguns apresentaram a recusa do tradicional papel de provedor e o reconhecimento da importância da participação na vida familiar, mas, ao mesmo tempo, persistem em suas narrativas ideais pautados no mito do amor materno, na naturalização das atribuições domésticas e familiares,

por exemplo. Estes homens não se opõem ao fato de suas esposas exercerem suas profissões e trabalharem fora de casa, bem como contribuir financeiramente com o provimento material da família, no entanto a divisão das responsabilidades da vida privada muitas vezes acontece por meio de tensões e negociações pautadas pela diferenciação de gênero.

Na vida familiar, o lugar dos homens não é homogêneo e de fácil descrição, o que acaba por demonstrar a diversidade de demandas, configurações de práticas e valores que atravessam a nossa sociedade. Sugerir uma organização familiar com novas relações sociais de gênero implica em desafiar os homens a buscar transformações em suas práticas e identidades. Dessa forma, acreditamos que este estudo tenha conseguido compreender a maneira como os homens de classes médias, casados e com filhos estão reconstruindo a masculinidade no contexto da vida privada combinando diferentes referências e valores.

Em suma, a compreensão mais profunda das práticas masculinas na vida familiar pode contribuir para a construção de novas paternidades. Nosso objetivo não era o de descrever conclusões “fechadas”, mas, ao contrário, apontar as possíveis trajetórias familiares, as possíveis novas configurações de práticas, as possíveis novas formas de organização familiar que ainda merecerem maior atenção de pesquisadores/as no campo das ciências sociais e humanas. Conhecer as experiências desses pais homens de frações das classes médias talvez seja uma maneira de instituições sociais, como a escola, realizarem um movimento de aproximação dos homens aos espaços socialmente dominados pelas, ou destinados às, mulheres. De toda maneira, indubitavelmente, as crianças saem ganhando, pois vivenciariam dinâmicas familiares mais pautadas no afeto e na divisão de responsabilidades. As infâncias precisam experimentar novos modelos de organização familiar em que as relações sociais de gênero não se transformem em barreiras para a alternância dos lugares do papai no bolso e da mamãe no coração.

Referências bibliográficas

ABOIM, Sofia. Gênero, família e mudanças em Portugal. In: WALL, Karin; ABOIM, Sofia; CUNHA, Vanessa. *A vida familiar no Masculino: Negociando velhas e novas masculinidades*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 2010. p. 39 - 66.

AVANSINI, Carolina. Comum após a separação, abandono afetivo dos filhos está na mira da Justiça. *Bonde*, Londrina, 03 de nov. de 2015. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/comportamento/familia/comum-apos-a-separacao-abandono-afetivo-dos-filhos-esta-na-mira-da-justica-389793.html>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BASSETTE, Fernanda. Brasil tem 5,5 milhões de crianças sem pai no registro. *Exame*, São Paulo, 11 de ago. de 2013. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-tem-5-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro/>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Gustavo Sora. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

CARDOSO, Frederico Assis. *O que fizeram (e o que fizemos) de nós?* Estudo de caso das trajetórias escolares de alunos/as do Ciclo Básico de Alfabetização (CBA) em Minas Gerais. 2013. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.185-206, jul/dez. 1995.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Understanding The Future of Fatherhood: The “daddy hierarchy” and Beyond. *Work Paper*, Tilburg, may. 1994.

HODKINSON, Paul; BROOKS, Rachel. Interchangeable Parents? The Roles and Identities of Primary and Equal Carer Fathers of Young children. *Current Sociology*, 2018.

LOSCHI, Marília. Casamentos que terminam em divórcio duram em média 14 anos no país. *Agência Notícias IBGE*, Rio de Janeiro, 15 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22866-casamentos-que-terminam-em-divorcio-duram-em-media-14-anos-no-pais>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação - Uma abordagem pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: Imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. 2. ed. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 2001. p. 145-159.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 155-170, jul/dez. 2006.

NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (Org). *Homens: Comportamento, sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade*. São Paulo: SENAC, 1997. p. 15-29.

RODAS, Andres Maurício Cano *et al.* Jefatura masculina en hogares monoparentales: adaptaciones de los hombres a las necesidades de sus hijos. *Revista Colombiana de Sociologia*, Bogotá, v. 39, n. 1, p. 123-145, 2016.

ROMANELLI, Geraldo. Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, jul. 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99 jul/dez. 1995.

SULZ, Juliana Albuquerque. “Papai no bolso e mamãe no coração?” Análise das configurações de práticas das paternidades contemporâneas. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

THURLER, Ana Liése. 30% das crianças brasileiras não têm o nome do pai em registros. *Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/30-das-criancas-brasileiras-nao-tem-o-nome-do-pai-em-registros/>. Acesso em: 16 jan. 2020.

WALL, Karin. A conciliação entre a vida profissional e a vida familiar em casais com filhos: perspectivas masculinas. In: WALL, Karin; ABOIM, Sofia; CUNHA, Vanessa. *A vida familiar no Masculino: Negociando velhas e novas masculinidades*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 2010. p. 97 – 128.

Recebido em 07/07/2021.

Aceito em 05/05/2022.